

A melancólica chegada de Sarney

O desembarque do presidente José Sarney sábado à noite na Base Aérea de Brasília não teve a apoteose que os convidados para a festa do Bicentenário da Revolução Francesa esperavam. Marcado pelo fracasso diplomático da missão em Paris, o presidente Sarney desceu do DC-10 alugado à Varig disposto apenas a cumprir o cerimonial de recepção ao seu colega uruguaio, Júlio Maria Sanguinetti, que veio de carona e voltou para o seu país, uma hora depois, no Boeing 737 da Força Aérea Brasileira — gentilmente cedido pelo governo.

Com Sanguinetti vieram 27 pessoas da missão uruguaia, enquanto os brasileiros eram, contando com o presidente e a mulher, Marly, 91. O restante, a maioria composta pelo pessoal de apoio (funcionários do Gabinete Militar), desembarcou durante a madrugada no avião reserva.

A existência desse avião — o mesmo Boeing 707 que levou a missão precursora com mais de 20 caroneiros dez dias antes da festa — jogou por terra a nota oficial divulgada na semana passada pelo Palácio do Planalto. A nota tentava justificar o aluguel do DC-10 e explicar que a segurança e o tamanho do avião a ser utilizado na viagem dispensavam gastos adicionais com o aparelho de reserva. Constrangidos, os oficiais da Aeronáutica confessaram o se-



Sarney chega, com seu "carona" Sanguinetti.

gundo vôo, mas não revelaram a hora de chegada. Havia rumores de que o 707 chegara às 16h30, a julgar pelo movimento de ônibus e outros veículos da Presidência da República. A imprensa só teve acesso à Base Aérea a partir as 18 horas para cobertura do desembarque de Sarney, que iria ocorrer às 19h25.

Constrangidos estavam também os passageiros do DC-10, que desembarcaram pela porta de trás do avião e foram levados de ônibus para o terminal de passageiros comuns da Base. Somente o presidente, ministros e parlamentares da comitiva foram a pé para o terminal de autoridades. Toda a bagagem foi parar no terminal de

passageiros. Enquanto apanhava a mala com a filha, o deputado e primo de Sarney, Alberico Filho, se sentiu incomodado com a presença da imprensa, principalmente dos fotógrafos. Num tom de voz audível para todos, ele resmungou: "Ah, se eu pego um desses".

Na pista, a comitiva de recepção do presidente era composta pelo núncio apostólico, dom Carlo Furno; o presidente da Câmara, Paes de Andrade; o presidente do Senado, Nelson Carneiro; e os ministros Oscar Corrêa, da Justiça; Máílson da Nóbrega, da Fazenda; Carlos Sant'Anna, da Educação; Vicente Fialho, das Minas e Energia; Ronaldo Costa

Viagem
Couto, do Gabinete Civil; Ivan de Souza Mendes, do SNI; João Batista de Abreu, do Planejamento; Valbert Lisieux, do EMFA; e Henrique Sabóia, da Marinha.

O porta-voz do presidente Sarney, Carlos Henrique Santos, que era esperado, acabou não aparecendo porque ficou em Paris juntamente com a mulher, o pai e a mãe. Segundo fontes do Planalto, o porta-voz estaria demissionário do cargo por ter entrado em rota de colisão com o novo secretário particular do presidente da República, Augusto Marzagão. Na semana que passou, Carlos Henrique foi o último a saber da "nota à imprensa" sobre a viagem, preparada e divulgada pessoalmente por Marzagão. Ainda de acordo com as mesmas fontes, se a crise não for contornada esta semana, Carlos Henrique poderá voltar da França com a carta de demissão pronta para entregar a Sarney.

Para completar o cenário de constrangimentos na Base Aérea de Brasília, Sarney ouviu de um repórter, antes de entrar no carro com a mulher, a pergunta: "Sr. presidente, por que o sr. levou 150 pessoas a Paris?". Ele não respondeu. O carro disparou em direção ao Palácio da Alvorada.

**Bartolomeu Rodrigues e
Sandra Sato/AE**